

# A NECRÓPOLE ALTIMEDIEVAL DO LARANJAL E A SUA RELAÇÃO COM O CEMITÉRIO DE MOUROS

Isa Branco

Mestre em Arqueologia pela FLUP  
[isa\\_branco@hotmail.com](mailto:isa_branco@hotmail.com)

## ABSTRACT

The present article focuses on the study of the early medieval necropolis of Laranjal, located in Felgar, Cilhades, and offers an approach to burial strategies, spatial organization, and funerary architecture, funeral rituals, exhumed materials, and the paleodemography of the buried community. This study also seeks to assess the relationship between the burial area and the settlement located nearby, suggesting a long continuity of occupation. Finally, it aims to contribute to the understanding of the cultural and social interactions of the local populations and the capture of external influences, seeking to enrich the history of the present-day region of Torre de Moncorvo.

Keywords: Necropolis; Early Middle Ages; Graves; Settlement

## RESUMO

O presente artigo centra-se no estudo da necrópole altimedieval do Laranjal, localizada em Felgar, Cilhades, e promove uma abordagem às estratégias de enterramento, à organização espacial e arquitectura sepulcral, aos rituais funerários, materiais exumados e paleodemografia da comunidade inumada. Este estudo procura ainda aferir a relação entre a área funerária e o assentamento localizado nas proximidades, sugerindo a vigência de uma longa continuidade de ocupação. Por último, visa contribuir também para a compreensão das interações culturais e sociais das populações locais e a captação de influências externas, procurando contribuir para o enriquecimento da história da atual região de Torre de Moncorvo.

Palavras-chave: Necrópole; Alta Idade Média; Sepulturas; Assentamento

## 1. INTRODUÇÃO

Enquadrada na parte oriental da região de Trás-os-Montes, a necrópole do Laranjal situava-se na margem direita do rio Sabor, numa pequena zona agrícola, no lugar de Cilhades, Freguesia de Felgar, Concelho de Torre de Moncorvo, pertencendo ao Distrito de Bragança.

A par da necrópole, dois outros locais são reveladores de um prolongado período ocupacional em Cilhades: o Castelinho e o Cemitério dos Mouros. O primeiro, distanciado trinta metros para nordeste da necrópole em estudo, foi identificado como um “povoado fortificado” da Idade do Ferro que ocupava o topo de um esporão de substrato xistoso, cuja localização privilegiada se destacava, com um domínio visual sobre o território abrangente e sobre o rio Sabor (Fig. 1). Atualmente sabe-se que a ocupação do Castelinho não se limitou às muralhas monumentais que apresentava. Outros

vestígios desta cronologia foram detectados, nomeadamente, gravuras típicas da arte sidérica com motivos antropomórficos e zoomórficos, espalhadas um pouco por todo o território, inclusivamente na necrópole do Laranjal, fruto de reaproveitamento nas próprias estruturas sepulcrais (SANTOS e LADRA 2016: p. 53; SILVA 2020: p. 20).

A cento e cinquenta metros distanciado para noroeste do espaço funerário, encontrava-se o Cemitério de Mouros, onde foi igualmente documentada uma longa diacronia de ocupação, sendo que os trabalhos arqueológicos aqui realizados permitiram reconhecer um conjunto de estruturas e materiais que demonstram presença humana pelo menos desde a época romana até ao período Moderno-Contemporâneo.

Este local era separado da necrópole do Laranjal pela ribeira de São Lourenço, que poderia assumir-se como limite físico e simbólico entre o espaço dos vivos e o espaço dos mortos. Desta forma, durante o período romano, terá apartado o Cemitério dos Mouros (área habitacional de Cilhades) do Laranjal, que possivelmente teria, por esta altura, funções produtivas - hipótese proposta devido à existência de um forno de cerâmica no local. Na necrópole, apesar das principais evidências antrópicas constarem de construções mais recentes ligadas ao cultivo, havia já indicadores relativos à presença de níveis anteriores de ocupação, como materiais arqueológicos reaproveitados. Os dois espaços terão estado conectados durante uma cronologia alargada, como se comprova pelos testemunhos coevos dos dois sítios arqueológicos (SANTOS e LADRA 2016: p. 58).

A localização estratégica de Cilhades numa zona mais aberta do Vale do Sabor e a existência de uma barca arcaica que, durante séculos, permitiu a comunicação entre ambas as margens, tornou o lugar num ponto fundamental de passagem fluvial (LADRA e COSTA 2020: p. 247) contribuindo para a extensa sequência temporal de ocupação de Cilhades (Fig. 2).

## 2. A NECRÓPOLE ALTIMEDIEVAL DO LARANJAL

Na sequência da decisão da construção de uma barragem hidroelétrica no rio Sabor, foram implementadas medidas de minimização e salvaguarda do património da área afectada. Entre os locais abrangidos, destaca-se Cilhades, alvo de um estudo etno-arqueológico integrado no projeto “Aproveitamento Hidroelétrico do Baixo Sabor” (DORDIO 2015: p. 132). Este contexto representou uma oportunidade singular para desenvolver um plano abrangente de mitigação dos impactes sobre um conjunto alargado de elementos patrimoniais, com especial relevância para os numerosos sítios arqueológicos identificados. O principal documento orientador deste processo — o Plano de Salvaguarda do Património (PSP) — propôs uma abordagem integrada e de longo prazo, centrada na análise das dinâmicas de transformação do território do Baixo Sabor desde a Pré-história até à contemporaneidade. Este plano assumiu, desde o início, que a salvaguarda do património vai além do registo, das monitorizações e da preservação *in situ*, assentando, antes de mais, na produção e disseminação de conhecimento (DORDIO 2015: p. 136). Desta forma, foi necessária a intervenção de diversas áreas disciplinares imprescindíveis ao registo e inventariação patrimonial, entre as quais a arqueologia e a antropologia (FONSECA *et alii* 2013: p. 5).

A presença de um espaço funerário no Laranjal foi denunciada por um antigo jornalista, que mencionou ainda a existência de um lítico epigrafado, encontrado nos meados do século XX, referente, concretamente, a uma ara votiva dedicada ao deus Denso (SANTOS *et alii* 2016: p. 18). Pela abundância de material detetado à superfície, também no espaço envolvente, era evidente que este local seria dotado de extrema relevância arqueológica. A intervenção ali realizada acabou por revelar algumas estruturas funerárias, a par de dispositivos prévios, tais como um forno romano de produção cerâmica e uma estrutura negativa atribuída à II Idade do Ferro, que possivelmente estaria relacionada com um contexto de armazenamento (FONSECA *et alii* 2013: p. 31) (Fig. 3).

Muito embora tendo sido apenas parcialmente escavada, foram detetadas na necrópole do Laranjal mais de duas centenas de sepulcros, o que sugere que funcionou como área de enterramento

principal da população de Cilhades, entre o período Tardo-Antigo e o início da Baixa Idade Média. A par da necrópole foram ainda identificadas as ruínas de um pequeno edifício, com indícios (orientação e ligação estratigráfica a algumas sepulturas), de ter sido um espaço religioso (possivelmente a antiga capela de São Lourenço) (FONSECA *et alii* 2013: p. 8) (Fig. 4).

Foi registada alguma variedade na tipologia apresentada pelas sepulturas de inumação, sendo a maioria em caixa, construída em xisto, adequando-se à geologia do espaço em questão. Em paralelo, foram também assinaladas sepulturas em fossa, ou covacho simples, sepulturas de pedra avulsa, com lajes de xisto na horizontal e/ou na vertical e covachos estruturados ou de estrutura mista, constituindo estas últimas, maioritariamente, estruturas com laje na cabeceira e/ou lateral e uma caixa ossário (RODRIGUES 2013: p. 12) (Fig. 5).

Na necrópole do Laranjal verificou-se a adoção do padrão canónico, com predomínio da orientação Oeste-Este (crânio-pés), e a inumação em decúbito dorsal. Em algumas sepulturas foi reconhecida vocação antropomórfica, em resultado da estabilização da região cefálica por lajes, proporcionando que o defunto permanecesse pela eternidade com a face voltada para o céu (BARROCA 1987: p. 127). Tal opção poderá ser articulada com a crença na Ressurreição no Juízo Final, que justificou a orientação tumular na direcção de Jerusalém (AREZES 2017: p. 190; TORRES e MACIAS 1996: p. 37). Relativamente ao posicionamento dos membros superiores, observou-se uma normalização da flexão dos braços sobre a região torácica ou abdominal, com uma variação de 90° a 120° (RODRIGUES 2013: p. 18). Os membros inferiores, na maior parte dos casos, encontravam-se paralelos entre si e em extensão, excepção feita a algumas sepulturas, em que os membros inferiores foram encontrados cruzados, ou com um dos membros semifletidos (RODRIGUES 2013: p. 20). Neste sentido, parece-nos seguro afirmar que tanto o posicionamento em decúbito dorsal com os membros superiores fletidos e os inferiores em extensão, como a própria orientação Oeste-Este, traduzem a adopção de rituais funerários cristãos.

## 2.1. Os Materiais

A grande maioria do material exumado no Laranjal diz respeito a cerâmica, seguindo-se o metal e o vidro, sendo mais escassos os materiais líticos e o osso trabalhado. Na generalidade, a cerâmica encontra-se cronologicamente distribuída entre o período Romano, a Antiguidade Tardia e a Alta Idade Média.

Os vestígios arqueológicos mais antigos concernem a uma fossa, onde foram identificadas cerâmicas com uma escassa variedade tipológica e uma preeminência de potes e mós de vaivém, com cronologia atribuível à II Idade do Ferro (ALBUQUERQUE *et alii* 2014: p. 16). Este contexto justifica a hipótese de ter existido uma ocupação anterior à funerária e possivelmente em associação com o sítio fortificado do Castelinho, o que corrobora a articulação com as gravuras encontradas no desmonte dos sepulcros medievais (FONSECA *et alii* 2013: p. 8).

Relativamente ao conjunto de materiais imputáveis ao Alto-Império, é pouco expressivo numericamente, assinalando-se o predomínio de jarros. As restantes formas cerâmicas identificadas (potes, talhas, panelas, tampas e tigelas) associadas ao armazenamento, cozinha e mesa, encontram-se parcamente representadas (ALBUQUERQUE *et alii* 2014: p. 32).

Por seu turno, os vestígios de um forno de produção cerâmica coincidem com o período de maior ocupação do povoado do Cemitério dos Mouros, no decurso da Antiguidade Tardia (GARZÓN *et alii* 2014: p. 8). No contexto da bacia do Douro, o panorama de progressiva regionalização e o contraste estabelecido entre um mundo urbano em processo de desestruturação e um mundo rural que apresenta uma certa vitalidade torna-se ainda mais evidente ao analisarmos a produção cerâmica da segunda metade do século IV e do início do século V d.C. O vale do Douro, e mais especificamente, seu sector nordeste, tornou-se um dos protagonistas da produção cerâmica com a instalação de um número significativo de potenciais oficinas por toda a sua bacia (TEJERIZO GARCÍA 2017: p. 88). Este fenómeno poderá ter-se estendido pelas regiões proximais do Douro, inclusivamente à região do rio Sabor.

Junto à boca do forno foram identificados resíduos de sedimentos alaranjados/ avermelhados ainda *in situ*, provavelmente decorrentes da sua utilização. Correlativos deste mesmo período, há materiais de construção (como telhas, tijolos e argamassa) e fragmentos de cerâmica de produção regional, referentes a imitações de *terra sigillata* hispânica tardia, bastante danificados, e fragmentos de um bordo de vidro de forma não diagnóstica (ALBUQUERQUE *et alii* 2014: p. 54).

Mais tarde, o Laranjal viria a ser transformado em necrópole, num momento indefinido da Antiguidade Tardia, possivelmente entre os séculos V e VII, hipótese avançada com base no estudo do material metálico de algumas sepulturas (BRANCO 2024: pp. 104-107). Este conjunto, embora com pouca expressividade numérica, revela uma clara uniformidade cronológica. As peças associadas aos enterramentos, para as quais foram reconhecidos paralelos identificados noutros sítios arqueológicos, sugerem um enquadramento balizado entre os séculos V e VII (ALBUQUERQUE *et alii* 2014: p. 55).

No que concerne ao material da Alta Idade Média, a cerâmica do Laranjal constitui um conjunto essencial e representativo da cronologia em análise, revestindo-se de relevância para a geografia em que se insere. Há um predomínio das formas fechadas, com as panelas e os jarros a destacarem-se (BRANCO 2024: p. 63) (Fig. 6). Ainda que as pastas de alguns fragmentos se apresentem razoavelmente cuidadas, não apresentam fabricos de exceção (Fig. 7). Mais raros são os elementos decorados, sendo que, quando presentes, enquadram-se no repertório ornamental comum deste período, em que avultam as peças com cordão e os motivos incisos, de configuração ondulada (BRANCO 2024: p. 103) (Fig. 8). A nível do material metálico, observa-se que a maioria do acervo concerne a objetos de indumentária, o que é indicativo da prática da inumação vestida (AREZES 2017: p. 233) (Fig. 9 e 10). Foram ainda identificados adereços de adorno pessoal, numismas, pequenos apliques e outros elementos metálicos, associados a possíveis caixões ou padiolas, caso dos pregos, que são habitualmente encontrados em contextos funerários. Devido à sua frequente conexão com as madeiras e conseqüente processo de mineralização das mesmas, estes objetos carecem de estudos arqueobotânicos bem detalhados (VAZ *et alii* 2021: p. 117).

Relativamente aos restantes materiais, foram detetadas contas vítreas opacas de distintas colorações e uma conta de colar em osso trabalhado (BRANCO 2024: pp. 104-107).

Já os materiais da Baixa Idade Média e época Moderna/Contemporânea procedem de contextos secundários, maioritariamente, de camadas de aterro. A nova configuração do local, resultante de um nivelamento do terreno, determinou, aliás, destruição e desmonte dos vestígios do edifício e de algumas sepulturas (ALBUQUERQUE *et alii* 2014: p. 72).

### 3. O CEMITÉRIO DE MOUROS

Ainda no contexto da construção da barragem do Sabor, foram preconizados trabalhos de escavação no Cemitério de Mouros e em toda a zona envolvente, como medida preventiva de minimização de impactes, de acordo com o Plano de Salvaguarda do Património (DORDIO 2015: p. 136).

Em Cilhades existiam evidências claras de uma continuada ocupação, iniciada na II Idade do Ferro no sítio do Castelinho, classificado como “povoado fortificado” (SANTOS *et alii* 2014: p. 8), com o estabelecimento de uma comunidade proto-histórica no cume de um esporão xistoso, prolongando-se pelas centúrias seguintes em zonas mais baixas e abertas do Vale do Sabor (ROSSELLÓ *et alii* 2016: p. 37). Supõe-se, neste sentido, que este povoado, situado a menos de quinhentos metros do Cemitério de Mouros, tenha estado na génese deste habitat (Fig. 11). A parte conhecida do sítio arqueológico é muito limitada para inferir quais poderiam ter sido as características gerais do assentamento; contudo, as diversas estruturas documentadas destacam a continuidade do uso deste espaço ao longo do tempo, configurando-se num verdadeiro palimpsesto, com construções romanas erguidas sobre estruturas sidéricas anteriores e, posteriormente, as edificações medievais sobrepostas a essas mesmas estruturas.

Os níveis estratigráficos mais antigos registados no Cemitério do Mouros, correspondentes à Idade do Ferro, integravam um conjunto de estruturas negativas, nomeadamente, buracos de poste, fossas e vestígios construtivos com paredes de alvenaria de xisto. O parco material recolhido do interior das fossas não permitiu identificar a função a que teriam respondido. De qualquer forma, a ocupação inicial parece inscrever-se numa dinâmica de diversificação das formas de habitat e ocupação diferenciada, sem preocupações defensivas, num contexto de progressiva romanização (SANTOS *et alii* 2014: p. 13).

A segunda fase ocupacional, que remonta ao período Romano, é marcada por um edifício de planta retangular, com vestígios preservados do pavimento e presença de uma lareira, elementos compatíveis com um espaço doméstico de cozinha. O edifício apresenta ainda um buraco de poste sensivelmente a meio da construção, solução que poderá estar relacionada com o sistema de cobertura, ou com a existência de uma eventual divisória interna de madeira (SANTOS *et alii* 2014: p. 45).

Já a fase correspondente à Antiguidade Tardia é caracterizada por uma nova organização espacial, conforme à verificada noutros sítios peninsulares, designadamente, em Madrid, no sítio de La Huelga (VIGIL-ESCALERA GUIRADO 2013: p. 234). Contrariamente às transformações atestadas no mundo urbano, caracterizado pela perda de funcionalidade de edifícios ou amortização de espaços públicos, o rural parece mostrar, para esta cronologia, uma certa revitalização, um período de esplendor e estabilidade produtiva, refletindo as intensas transformações económicas e sociais ocorridas fora das áreas urbanas, patentes, nomeadamente, na reestruturação do povoamento e na intensificação da agricultura (TEJERIZO GARCÍA 2017: p. 80). No sítio em questão, há registo de um edifício de planta retangular com particularidades inovadoras, associadas a utilização doméstica: a presença de um sistema de drenagem, com estruturas para condução de águas rasgado no afloramento rochoso e coberto com lajes de xisto. Um outro aspecto particular desta construção concerne a uma espécie de bancada localizada internamente e encostada à parede Este do dispositivo. No pavimento foi ainda identificada um dispositivo retangular, composto por lajes de xisto, formando uma espécie de caixa. A intervenção arqueológica permitiu detetar várias transformações ocorridas ao longo do tempo de utilização deste edifício, que tiveram implicações na organização do espaço interno e na sua articulação com o exterior. Foi ainda posto a descoberto um conjunto de muros e buracos de poste, que se prolongava para além da área intervencionada, não tendo sido identificados em toda a sua extensão. Os responsáveis pela escavação consideram a hipótese de tais estruturas se destinarem ao suporte de terras e, simultaneamente, à delimitação do espaço. Contudo, o facto de não haver um padrão claro na disposição dos buracos de poste leva-nos a questionar: será que a organização do espaço, como sugerido, é realmente tão linear e funcional como aparenta? Ou será que a disposição desses buracos de poste reflete uma organização mais flexível, dependendo de fatores contextuais que não conseguimos ainda perceber totalmente? Além disso, a descoberta de uma fossa isolada com restos de arqueofauna levanta mais questões sobre as práticas alimentares e de gestão de recursos da época (SANTOS *et alii* 2014: p. 50). Como podemos interpretar a presença dessa fossa dentro do espaço doméstico? Trata-se apenas de um depósito aleatório de resíduos, ou poderia ter-se revestido de algum significado social ou ritual?

Segundo Vigil-Escalera Guirado (2013), muitos dos novos enclaves rurais altimedievais estão localizados nas proximidades de antigas *villae* romanas, embora seja difícil encontrar outra ligação além das marcas de saque de materiais de construção (VIGIL-ESCALERA GUIRADO 2013: p. 234). No caso do Cemitério dos Mouros, nesta cronologia verificou-se uma ocupação mais densa, complexa e diversificada em termos construtivos, com o surgimento de edifícios de plantas não exclusivamente quadrangulares. Foram identificadas quatro estruturas principais que marcam a organização do espaço, com paredes de alvenaria compartimentos e pavimentos diferenciados. Associados a estes edifícios havia buracos de poste, possivelmente relacionados com os sistemas de cobertura. De notar, ainda, que estes se localizavam na parte externa das construções, em posição adjacente à das

paredes, colocando-se a hipótese de se se articularem com a existência de áreas cobertas exteriores. O mesmo parece suceder no assentamento de La Huelga, em Madrid, ainda que numa dimensão bem menor, sítio onde foram detectadas cabanas de solo rebaixado de planta retangular, com cantos chanfrados e vestígios de postes ao longo do eixo longo, especialmente marcados nas extremidades e que presumivelmente, suportariam um telhado vegetal de duas águas (VIGIL-ESCALERA GUIRADO 2013: p. 237). Ainda no Cemitério de Mouros registou-se também um conjunto de alinhamentos que delimitavam três compartimentos dispostos em sequência, com vestígios de pavimentação à base de lajes de xisto. Um dos compartimentos apresentava uma planta quase semi-circular. O compartimento do meio apresentava uma solução mista que combinava paredes retilíneas com paredes encurvadas. Segundo Vigil Escalera Guirado (2013) as três estruturas mais características deste período são as cabanas de solo rebaixado, os silos e os poços (VIGIL-ESCALERA GUIRADO 2013: p. 235). Já Tejerizo García (2017) defende que os silos de armazenamento estarão entre as principais estruturas associadas às aldeias altomedievais, pois remetem diretamente para profundas mudanças na gestão da produção e, portanto, nas relações sociais de produção presentes nas sociedades aldeãs da Meseta Norte a partir do século V (TEJERIZO GARCÍA 2017: p. 117). A vocação dos compartimentos identificados no Cemitério de Mouros permanece pouco evidente, podendo, no entanto, estar relacionada precisamente com a armazenagem de produtos agrícolas (SANTOS *et alii* 2014: p. 50).

Foi igualmente assinalada uma estrutura isolada de planta curva ou arqueada, albergando no interior estruturas circulares que poderão estar relacionadas com embasamentos de fornos (SANTOS *et alii* 2014: p. 51). Os restantes vestígios desta cronologia encontram-se reduzidos a pequenos troços de paredes retilíneas ou encurvadas sem conexão entre si.

Ainda que de ocorrência bastante comum para o período altomedieval, não foram assinaladas no assentamento em estudo, vestígios de cabanas de fundo rebaixado. As estruturas detectadas representam um tipo distinto de arquitetura doméstica, com poucas evidências no contexto arqueológico da Península Ibérica para a Alta Idade Média (TEJERIZO GARCÍA 2017: p. 119). Contudo, tratar-se-ão de estruturas construídas do zero ou existirá a possibilidade de ocupação de estruturas pré-existentes, com a adição de outras soluções perecíveis?

A fase seguinte de ocupação do espaço concerne à Baixa Idade Média. Os vestígios atribuídos a esta cronologia são muito ténues, restringindo-se a dois diferentes alinhamentos desconectados de muros de alvenaria. Para a época Moderna/Contemporânea, as estruturas encontradas no sítio do Cemitério de Mouros dizem respeito à utilização do local como espaço agrícola (SANTOS *et alii* 2014: p. 54).

### 3.1. Os Materiais

Tal como acontece na maioria dos sítios arqueológicos, o acervo material do Cemitério de Mouros é constituído maioritariamente por fragmentos de cerâmica (CARDOSO 2000: p. 45; RODRIGUES 1994: p. 6) que, neste caso, se repartem por várias cronologias, desde a Idade do Ferro até à época Contemporânea, parte substancial dos quais se enquadra no período Romano e na Alta Idade Média (ROSSELLÓ *et alii* 2016: p. 38).

De relevar a cerâmica integrável nesta última cronologia pelas suas distintas características, podendo ser agrupada em dois conjuntos: um grupo que apresenta uma evidente correspondência com materiais identificados na Meseta e Norte da Península Ibérica; e um outro, de cariz nitidamente islâmico. Deparamo-nos, assim, com um acervo cerâmico que concilia traços regionais ou oriundos de regiões vizinhas, como a Meseta, com elementos provenientes de outros territórios, possivelmente, meridionais (ALBUQUERQUE *et alii* 2014: p. 165; ROSSELLÓ *et alii* 2016: p. 49). Apesar de distintos, estes dois grupos complementam-se, uma vez que, além de coexistirem no tempo, partilham formas comuns, como os potes e as painéis.

Relativamente ao primeiro grupo, destaca-se claramente a cerâmica destinada ao uso na cozinha, especialmente na preparação de alimentos ao fogo, nomeadamente as panelas, seguindo-se os recipientes cuja função recai no armazenamento, como os potes, cântaros e talhas, recipientes usuais em contexto doméstico, conservando ainda marcas de fuligem em algumas peças. Este é um elemento comum à maioria dos sítios com cronologias afins em estudo (ROSSELLÓ *et alii* 2016: p. 54; ALBUQUERQUE *et alii* 2014: p. 221). Salienta-se a limitada diversidade de formas reconhecíveis no conjunto circunstância partilhada com outros sítios com cronologias semelhantes na Península Ibérica, onde se verifica o predomínio das formas fechadas (RODRIGUES 1994: p. 42).

No Noroeste, a partir do século V, e já no quadro da consolidação do poder suevo em Braga, a sofisticada tecnologia cerâmica romana perdeu agentes e conhecimentos, o que comprometeu a manutenção dos altos padrões de qualidade. No seu lugar, surgiram produções mais simples, com o retorno a pastas mais escuras, frequentemente compostas por materiais de qualidade inferior. Também algumas das produções cerâmicas visigóticas evidenciam um declínio notável na qualidade das pastas, nas técnicas de fabrico e nas formas. O fabrico a molde foi deixado de lado, e o torno rápido foi substituído pelo torno lento, o que gerou peças com paredes irregulares e, por vezes, deformadas (ALMEIDA 2003: p. 121). Situação análoga foi experienciada noutros pontos da Península. A título de exemplo, note-se como os materiais do assentamento já mencionado de La Huelga se caracterizam pela presença significativa de panelas modeladas a torno lento, com extrema pobreza decorativa (VIGIL-ESCALERA GUIRADO 2013: p. 242). Também o acervo altimedieval do Pátio das Escolas da Universidade de Coimbra e as cerâmicas do Baldoeiro apresentam uma variedade formal reduzida, e um predomínio de formas fechadas, com as panelas e potes a serem as mais representativas (RAMOS *et alii* 2014: p. 73; RODRIGUES 1994: p. 42), realidade extensível ao conjunto de recipientes de cozinha do sítio da Torre Velha 3, integráveis num marco cronológico alargado entre os séculos IV e X (VAQUEIRA 2015: p. 83). De qualquer modo, esta tendência para a produção de recipientes fechados poderá eventualmente ser explicada pelos costumes gastronómicos e pelos hábitos de consumo alimentar (SILVA 2014: p. 95).

No grupo da cerâmica islâmica, prevalecem os recipientes igualmente vocacionados para o uso na cozinha e, concretamente, ao fogo, como as caçoilas e os tabaq, assim como a de mesa, destacando-se os recipientes destinados ao armazenamento de líquidos, como jarros e jarras. Relativamente aos tabaq, trata-se de peças de grande diâmetro, com perfil simples, troncocónico invertido ou ligeiramente envasado, de pouca profundidade e superfícies alisadas, fabricadas manualmente. Apresentam pastas grosseiras, com inclusão de abundantes desengordurantes, de grande calibre, referentes sobretudo a quartzo, mica, xisto e componentes orgânicos. Alguns investigadores defendem que os tabaq seriam usados como suportes para cozer o pão no forno ou fogareiro; outros, por sua vez, consideram outras possíveis utilizações, enquanto tampas de formas de armazenamento (ALBA e FEIJOO 2001: p. 351). A ocorrência de discos para cozer pão ázimo está documentada em sítios islâmicos, em associação a formas que perduram desde os contextos emirais e califais até aos almóadas (ALBA e FEIJOO 2001: p. 351). Contudo, já em níveis anteriores, do período tardo-romano, este tipo de recipiente também marca presença, desempenhando funções semelhantes (GUTIÉRREZ LLORET 1990-91: p. 172). Ainda no que concerne ao conjunto islâmico, registe-se a deteção de fragmentos de marmitas, recipientes destinados à confeção de alimentos sobre o lume, predominantemente identificados na zona sul-oriental da Península Ibérica, como em Málaga (Móron) e em Toledo (Veja Baja) (ALBUQUERQUE *et alii* 2014: p. 176). Ainda neste acervo foi reconhecido um fragmento de cerâmica vidrada, cujas reduzidas dimensões impossibilitaram identificar a forma de procedência. Trata-se de um fragmento de pasta castanho-avermelhada, resultante de cozedura mista. Os desengordurantes, exclusivamente não plásticos, de calibre pequeno, constam de quartzo e mica. O vidrado exterior apresenta tonalidade amarelada, sendo o interior verde muito escuro, uma variação de óxidos comum neste tipo de cerâmica. De acordo com estudos na região do Douro

(ZOZAYA STABEL-HANSEN *et alii* 2012: p. 227), a maioria dos recipientes desse período não possui vidro, sendo poucos os exemplos conhecidos que utilizam essa técnica. No entanto, em Palmela, em contextos emirais, foram encontrados fragmentos vidrados com características semelhantes aos do Cemitério dos Mouros (FERNANDES 2004: p. 13).

No que concerne às técnicas decorativas, observa-se um claro predomínio da decoração incisa, seguida da mista e plástica, com destaque para os cordões digitados, e da impressa. Em paralelo, foi identificada cerâmica pintada (em branco, negro ou vermelho), claramente de influência exógena. Destaca-se ainda o recurso a diferentes técnicas decorativas na mesma peça. Embora a combinação mais comum seja entre a decoração plástica e a impressa, conforme ilustrado pelos cordões digitados, merece menção um fragmento que associa um cordão plástico digitado com pintura branca, apresentando uma solução decorativa híbrida, que combina elementos islâmicos com características decorativas típicas do “mundo cristão” (SANTOS *et alii* 2016: p. 59). Quanto aos motivos, predominam os geométricos, como linhas e/ou traços horizontais, verticais, oblíquos, ondulados, reticulados e pontos, havendo apenas um exemplo de decoração vegetalista (ALBUQUERQUE *et alii* 2014: p. 222).

Considerando agora o conjunto metálico proveniente do Cemitério de Mouros, verificou-se uma larga expressividade quantitativa de peças de ferro, em detrimento de outras matérias-primas, abrangendo várias cronologias, desde o período romano à época contemporânea (ALBUQUERQUE *et alii* 2014: p. 270). Entre elas, uma ponta de seta, uma tesoura de ferro, fivela equestre e um fuzilhão de fivela. É também sugerida, pela abundância de escórias de ferro, a existência de atividades de mineração e metalurgia, o que não é surpreendente na região, encontrando-se estas realidades documentadas desde a Idade do Ferro até o século XIX (CUSTÓDIO 2002: p. 64). Neste sentido, parece plausível considerar a vigência de actividade metalúrgica no assentamento.

Registou-se ainda um fragmento de osso trabalhado, que consiste num pedaço de haste de cervídeo. Mais do que propriamente “trabalhado”, seria mais adequado referir que foi “manipulado”, pois apresenta apenas vestígios de ter sido serrado na extremidade distal (ALBUQUERQUE *et alii* 2014: p. 281). Tradicionalmente, a haste de cervídeo era utilizada no encabamento de facas e navilhas, seja através de um fragmento maciço de cornadura ou por meio de placas para a confecção de talas. A região inicial da haste é uma das áreas anatómicas mais comumente utilizada na fabricação de cabos (ADÁN ALVÁREZ 2003: p. 101).

#### 4. A CONEXÃO ENTRE O ASSENTAMENTO E O ESPAÇO FUNERÁRIO

Neste ponto, procura estabelecer-se algumas conexões entre a necrópole do Laranjal e o Cemitério de Mouros, de forma a tentar aferir a existência de uma relação direta entre as duas áreas. A este propósito, começamos por considerar a implantação no terreno.

Embora separados pela ribeira de São Lourenço, os sítios em questão encontravam-se apartados aproximadamente 150 metros, com a necrópole localizada a nordeste do assentamento. A proximidade geográfica entre os locais sugere uma relação estreita entre as populações que os utilizaram, possivelmente refletindo uma interdependência social e funcional. A diminuta distância entre a necrópole e o assentamento parece indicar que os espaços eram complementares, com a necrópole a servir de área funerária da comunidade.

A ribeira de São Lourenço, além de ser uma barreira natural, poderia também ter um valor simbólico, marcando um limite entre os mundos dos vivos e dos mortos, à medida que corre para sul em direção ao Rio Sabor. Assim, a proximidade entre ambos os espaços pode ter sido determinada não só por fatores logísticos, mas também por considerações espirituais e culturais. A ribeira possivelmente representaria um espaço de transição, onde a passagem entre a vida e a morte era marcada pela travessia de um limite natural (LUÍS 2009: p. 234).

Por outro lado, a distância reduzida também aponta para uma integração funcional entre as áreas com um fluxo constante entre o assentamento e a necrópole. Em termos simbólicos, a proximidade dos dois locais reforça a ideia de um território partilhado, onde as atividades de vida quotidiana e as práticas mortuárias se entrelaçavam.

Da mesma forma, e numa fase prévia à da utilização do Laranjal como necrópole, a pequena unidade industrial, materializada no forno de produção cerâmica (ALBUQUERQUE *et alii* 2014: p. 54), também ficou apartada da área habitacional (ROSSELLÓ *et alii* 2016: p. 35). Um dos motivos que pode explicar esta separação radica na segurança. Os fornos produziam calor intenso e fumo, o que representava um risco de incêndio para as demais estruturas. Além disso, o acúmulo de resíduos da produção, como cinzas e fragmentos de cerâmica, tornaria o ambiente insalubre caso estivesse demasiado próximo das casas (GRAU e ROLDÁN 2007: p. 121).

No que respeita ao contexto histórico, importa registar que, em termos cronológicos, as ocupações dos dois locais coincidem ao longo de uma sequência temporal abrangente, desde pelo menos a II Idade do Ferro, atingindo, em ambos os sítios, o seu auge de ocupação entre a Antiguidade Tardia e a Alta Idade Média (ROSSELLÓ *et alii* 2016: p. 13).

Enquanto no Cemitério de Mouros se verifica uma continuidade de ocupação do local como assentamento, a necrópole do Laranjal experimenta uma transformação espacial. No decorrer do período Romano, o Laranjal era considerado um espaço periférico em relação à área habitacional (ALBUQUERQUE *et alii* 2014: p. 24). Contudo, na Antiguidade Tardia, a instalação do forno para a produção cerâmica coincidiu com o início do período de maior ocupação do povoado no Cemitério dos Mouros (GARZÓN *et alii* 2014: p. 124). Mais tarde, o Laranjal foi convertido numa necrópole, num momento indeterminado da Antiguidade Tardia, provavelmente entre os séculos V e VII, com base no estudo do acervo metálico identificado em algumas sepulturas (BRANCO 2024: p. 77-85).

Um dos aspetos mais relevantes na análise de um tão vasto conjunto material é, sem dúvida, a ausência de vestígios arqueológicos das produções correspondentes à Baixa Idade Média em ambos os sítios, como se o território tivesse, de facto, passado por um processo de abandono. Notavelmente, esse abandono parece ser confirmado por um documento que menciona a doação, no início do século XIII, do lugar de Cilhades aos povoadores de Mós. O abandono de Cilhades, atestado a partir de diferentes evidências, parece estar relacionado com a reorganização geopolítica dos primeiros tempos da nacionalidade, fazendo com que outros pontos da região adquirissem nova importância para os interesses do poder central (ROSSELLÓ *et alii* 2016: p. 59).

Considerando agora os materiais, note-se que a necrópole do Laranjal e o assentamento do Cemitério dos Mouros partilham várias semelhanças ao nível do acervo recuperado, particularmente no que se refere à cerâmica. Para períodos mais recuados, como a II Idade do Ferro, ambos os locais apresentaram, predominantemente, potes de perfil em S e bordo esvasado ou com bordo em aba soerguida. No entanto, no Laranjal, foram também identificados fragmentos de moinhos de vaivém e outros fragmentos de moinhos manuais (ALBUQUERQUE *et alii* 2014: p. 111), o que poderá sugerir a ocorrência de atividades de processamento local de produtos agrícolas, como os cereais.

Durante o período romano, a cerâmica encontrada no Laranjal e no Cemitério de Mouros segue uma tendência similar. Embora todas as tipologias cerâmicas presentes no Laranjal também tenham sido reconhecidas no Cemitério de Mouros, este último apresenta uma maior diversidade, tanto em termos de categorias quanto de formas. Além disso, no Cemitério de Mouros, foram encontrados outros objetos associados ao quotidiano, o que reflete um maior nível de ocupação e uma diversidade funcional mais significativa (ALBUQUERQUE *et alii* 2014: p. 113).

É na Alta Idade Média que surgem as principais diferenças entre os dois sítios. Enquanto no Laranjal se regista um predomínio de cerâmica comum, no Cemitério de Mouros observa-se uma clara divisão entre cerâmica comum e cerâmica de cariz islâmico, com um uso predominante de recipientes destinados à cozinha e à mesa, como jarros, especialmente para conter líquidos. Embora

escassos e fora de contexto, no Laranjal foram igualmente identificados fragmentos de jarros semelhantes aos encontrados em contextos emirais, exumados na região de Zamora (TURINA 1994: p. 35), datados entre os séculos IX-X (Fig. 12). Apesar da presença destes recipientes ser comum no mundo funerário, tal como sucede nas necrópoles de Abuxarda, Alcoitão, Murches e Casais Velhos, com cronologias entre os séculos VI e VII (AREZES 2015: p. 236), persistem dúvidas em torno da sua função, ainda que, globalmente, se entenda que não deverão ser considerados como uma evidência de paganismo. Pelo contrário, seria mais adequado vê-los, independentemente da sua função exata, como parte de um ambiente cristão em que coexistem diversos usos, com uma carga simbólica significativa (VIZCAÍNO SÁNCHEZ e MADRID BALANZÁ 2006: p. 462).

Relativamente aos restantes materiais do acervo, é notória a ligação ao quotidiano no Cemitério de Mouros, enquanto que na necrópole se regista um predomínio de adereços e objetos associados à prática de inumação vestida.

A presença de elementos materiais reaproveitados de cronologias anteriores, como lajes gravadas, está documentada tanto na necrópole quanto no Cemitério de Mouros. Apesar das representações geométricas e abstratas serem transversais a várias cronologias, alguns dos motivos identificados, como os cavaleiros antropomorfos e os zoomorfos, constam de representações características da arte da Idade do Ferro e estabelecem relação com as lajes encontradas no Castelhinho. A proximidade com este sítio aparenta ter favorecido a reutilização das mesmas quer no aparelho construtivo das sepulturas, quer nas estruturas amuralhadas do assentamento (FIGUEIREDO e NEVES 2015: p. 1589-1605).

A propósito das influências culturais ou religiosas, importa ressaltar que a presença de cerâmica islâmica em Cilhades não implica, por si só, o domínio islâmico ou a existência de comunidades muçulmanas na região. Existem diversas explicações possíveis para a presença de cerâmicas provenientes do Sul ou produzidas sob influência meridional nestes territórios fronteiriços (CATARINO *et alii* 2020: p. 1512), não significando necessariamente que as práticas funerárias na necrópole do Laranjal seguissem os preceitos islâmicos. A coexistência de diferentes influências culturais na região, especialmente durante o período de convivência entre as populações cristãs e islâmicas, é uma possibilidade plausível. O assentamento pode ter absorvido aspectos da cultura islâmica, conforme evidenciado pela cerâmica, devido ao comércio, movimentações populacionais ou contato direto com comunidades muçulmanas. No entanto, a necrópole, com seus enterramentos tipicamente cristãos, parece refletir uma continuidade das tradições locais e cristãs. Contudo, e uma vez que a necrópole do Laranjal não foi integralmente escavada, não se pode excluir a hipótese de existir uma área de enterramento islâmica. Para uma compreensão mais abrangente deste cenário, teria sido necessária uma investigação mais profunda que tivesse abarcado a intervenção em áreas adicionais, com o intuito de localizar possíveis sepulturas e vestígios materiais muçulmanos, passíveis de trazer novas luzes a respeito das dinâmicas sociais e culturais da região durante este período de transição.

Essa dicotomia entre a cerâmica islâmica no assentamento e os enterramentos cristãos na necrópole pode ilustrar a complexidade da interação entre as populações locais e os influxos externos. Ainda que para o Entre o Douro e Minho, a presença de testemunhos arqueológicos islâmicos seja praticamente nula, foram identificadas cerâmicas cujas características as integram entre exemplares de época emiral na Quinta do Paço Velho em Ponte de Lima; um exemplar de um candil com características que o enquadram no califal, proveniente de Pedrartil, em Penafiel, e alguns exemplares de cerâmica com características caracteristicamente islâmicas no Castelo de Aguiar de Sousa (CATARINO *et alii* 2020: p. 1514).

De acordo com os dados zooarqueológicos, a maioria dos restos faunísticos detectados no sítio do Cemitério de Mouros, provêm de níveis atribuíveis à Alta Idade Média. O javali e o porco estariam entre as espécies mais utilizadas na dieta da comunidade que ali habitou (FIGUEIREDO e SANTOS 2014: p. 143), o que parece contrariar uma eventual adoção da fé islâmica. Moisés, consi-

derado o primeiro legislador da humanidade, proibiu o consumo de carne suína como uma medida para evitar que seu povo contraísse doenças parasitárias, como a Teníase e a Cisticercose, que seriam bastante comuns na época e transmitidas pelos suínos (ORTIGARA 2020: p. 38). Sob influência do judaísmo e previamente à adoção do islamismo, os árabes já haviam excluído a carne de porco da sua dieta (CURVWEN e HATT 1961: p. 152). Com a doutrina de Maomé, esta prática foi formalmente consolidada, e o consumo desta espécie foi completamente proibido pelo Alcorão (VIANA 1970: p. 15). Assim, ainda que tenha sido registado material arqueológico islâmico, é provável que a comunidade não respondesse aos ensinamentos do Alcorão, mantendo-se cristã.

Ainda relativamente aos vestígios da arqueofauna, permitiram atestar um aumento populacional do sítio a partir do período altomedieval, face aos índices registados para a Idade do Ferro (FIGUEIREDO e SANTOS 2014: p. 139). Um aspecto relevante a ressaltar é o incremento do tamanho do gado bovino nos níveis da Alta Idade Média, o que apenas se verifica no Sul de Portugal, para cronologias posteriores (DAVIS 2008: p.1006). Este aumento dimensional é observado em alguns locais do Norte de Espanha, desde a Antiguidade Tardia (COLOMINAS *et alii* 2013: p. 14), o que poderá ser indicativo de trocas comerciais e influências da utilização dos animais mais de acordo com as populações das áreas setentrionais da Península. Em paralelo, tal circunstância poderá decorrer da melhoria da alimentação e/ou da criação seletiva, ligados à necessidade de gado de tração na agricultura.

O mesmo se verifica com o gado ovino e caprino, sendo este tipo de gado o segundo mais comum em quase todas as cronologias no Cemitério de Mouros (FIGUEIREDO e SANTOS 2014: p. 140). Segundo Simon Davis (2008), observa-se um aumento de tamanho em vários sítios arqueológicos do Sul e Centro de Portugal entre o período romano e a Idade Média (DAVIS 2008: p. 1006). Este incremento pode ser explicado por um investimento maior na espécie ovicaprina a Sul, visto serem animais apreciados na dieta islâmica. A Norte de Santarém o mesmo não tem sido verificado, nomeadamente ao nível dos vestígios zooarqueológicos do mosteiro de Santa Clara-a-Velha, em Coimbra, onde as dimensões das ovelhas da época Moderna são bastantes inferiores às das raças modernas (FIGUEIREDO e SANTOS 2014: p. 140). Contudo, no assentamento em estudo, constatou-se que os animais de maior porte provêm de níveis datados da Antiguidade Tardia e da Alta Idade Média. Reproduzirão estes factos evidências de trocas comerciais com o mundo islâmico?

Por último, no que concerne aos estudos antropológicos, note-se que a agricultura e os excedentes agrícolas teriam um papel fundamental no quotidiano da população do Cemitério de Mouros, afirmando-se como a base da sua economia (SANTOS 2015: p. 155). Os resultados obtidos a partir do estudo do material osteológico exumado da necrópole do Laranjal, comprovam um estilo de vida compatível com a realização de actividades agrícolas. A nível ósseo foram identificadas entesopatias, lesões inflamatórias que afetam a área de inserção dos tendões ou músculos nos ossos do esqueleto, surgindo sob a forma de projeções ósseas ou osteófitos (TERESO *et alii* 2013: p. 301), sobretudo a nível do cavado poplíteo, nos ligamentos que se inserem no joelho e no tendão rotuliano, o que é indicativo de um grande stress mecânico de flexão e extensão dos membros inferiores com carga, resultando, no mínimo, de uma grande movimentação das pernas (RODRIGUES 2013: p. 53). Na coluna vertebral, a lombar é a região anatómica mais afetada por artroses, seguida das articulações do joelho e do cotovelo. As causas para o desenvolvimento desta patologia são múltiplas, destacando-se o stress biomecânico no desempenho das tarefas laborais pesadas (ORTNER 2003: p. 12).

As afecções da cavidade oral são indicadoras da dieta alimentar da população em estudo, destacando-se principalmente a perda *ante mortem* de algumas peças dentárias e o desenvolvimento de cáries, que sugerem, para além de uma certa precariedade na higiene oral, uma dieta alimentar rica em hidratos de carbono, nomeadamente cereais (RODRIGUES 2013: p. 52). De acordo com os dados da arqueobotânica, foram identificados grãos de cevada, trigo e aveia no assentamento, com cronologias entre o período romano e a Alta Idade Média (FIGUEIREDO e SANTOS 2014: p. 204), o

que corrobora a dieta aferida. A presença de tártaro e o desgaste dentário indicia um ambiente oral bastante alcalino e uma provável dieta igualmente rica em proteínas (RODRIGUES 2013: p. 52), que pode ser atestada pelos vestígios da arqueofauna já referidos.

Embora os estudos realizados até agora sobre a necrópole do Laranjal forneçam informações valiosas, a realização de análises de ADN e de mobilidade humana poderiam contribuir para a compreensão das origens e relações da população inumada. Investigações semelhantes, como as feitas no Castro de Avelãs, no espaço funerário altimedieval da Torre Velha (TERESO *et alii* 2013: p. 304), mostram que estes tipos de análise têm a capacidade de identificar afinidades genéticas e migratórias, especialmente com populações exógenas, como a africana. A análise genética ajudaria a compreender as origens da comunidade inumada e se ocorreu mistura com outros grupos, enquanto a mobilidade humana seria capaz de indicar padrões de troca e deslocamento entre diferentes regiões (OLALDE *et alii* 2020: p. 991)

Estas investigações ajudariam a confirmar as interações comerciais e culturais entre diferentes grupos e oferecer uma visão mais clara das influências externas nas práticas funerárias e na sociedade local, potenciando o enriquecimento da nossa compreensão acerca das dinâmicas de convivência entre populações cristãs e islâmicas no período medieval.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O território que engloba a necrópole do Laranjal e o Cemitério dos Mouros apresenta diversas vantagens estratégicas. Embora a área esteja situada em zonas suscetíveis a inundações, a sua elevação oferece uma proteção natural contra as enchentes anuais do rio Sabor, garantindo assim a estabilidade e a segurança da população. Esta localização também conferia um valor defensivo, uma vez que, pela sua parca visibilidade na paisagem circundante, o espaço ficaria menos exposto a ameaças externas. A proximidade de recursos hídricos e a possibilidade de desenvolver atividades agrícolas reforçavam ainda mais o potencial deste território, tornando-o ideal para a subsistência. Essa combinação de segurança e abundância de recursos naturais sustentava as comunidades ali estabelecidas, proporcionando um equilíbrio fundamental para a sua sobrevivência (PRATA 2012: p. 13). Desta forma, pode-se concluir que esta localização foi cuidadosamente escolhida, não apenas pela sua acessibilidade e recursos, mas também pela proteção que oferecia à população local. A organização espacial de ambos os locais e a sua proximidade revelam uma conexão funcional clara, sugerindo uma relação direta entre eles.

Os espaços funerários rurais atribuídos a cronologias entre os séculos V e VIII ainda carecem de informações detalhadas, especialmente no que se refere à sua articulação com os “lugares dos vivos” (AZKARATE GARAI-OLAUN 2002: p. 131). Contudo, há já algumas exceções a esse cenário, como as que decorrem das intervenções em La Indiana e Gózquez de Arriba, em Madrid, onde foi identificada uma forma de ocupação dos povoados rurais que incluía uma diversidade de estruturas domésticas negativas (VIGIL ESCALERA GUIRADO, 2000: p. 229). É plausível que estruturas semelhantes existissem em outros locais já escavados na Península Ibérica. No entanto, a dificuldade em identificá-las arqueologicamente resultou em problemas interpretativos, o que levou à “invisibilidade” destes locais na bibliografia especializada (AREZES, 2017: p. 179). No Cemitério de Mouros, para além de estruturas negativas como os buracos de poste e possíveis silos, foram documentadas estruturas habitacionais pertencentes a uma comunidade com clara vocação camponesa. Estas evidências que refletem uma parte significativa da longa diacronia de Cilhades, não nos permitem ir muito longe na interpretação de todo o povoado. Ainda assim, representam um quadro que nos aproxima da configuração da área habitada, a qual não pode ser dissociada do Laranjal.

A presença de elementos materiais comuns sugere uma troca ou reutilização de objetos entre os dois espaços. A cerâmica encontrada na necrópole, com características semelhantes à recuperada no assentamento, sugere que os materiais funerários eram, em grande parte, produzidos ou

utilizados pelos mesmos grupos sociais; a islâmica pode indicar uma convivência de diferentes influências culturais. No entanto, a pesquisa deixa em aberto a necessidade de investigações complementares que poderiam aprofundar a compreensão da complexidade cultural e social dessa região, nomeadamente através de estudos de ADN e de mobilidade humana.

No entanto, a situação atual é marcada pela submersão do território pela barragem do Sabor, o que representa uma grande perda para o estudo arqueológico e histórico. Embora as escavações realizadas tenham proporcionado valiosos dados sobre os materiais e as práticas funerárias da época, o estado do local limita as possibilidades de estudos futuros, prejudicando a compreensão das dinâmicas sociais, culturais e comerciais da comunidade.

Por fim, apesar dos desafios impostos pela imersão da área e limitações de tal decorrentes, os trabalhos realizados representam não só uma contribuição importante para o entendimento das dinâmicas sociais e culturais da Alta Idade Média na região, mas também uma evocação da fragilidade do património arqueológico face às mudanças no território.

#### AGRADECIMENTOS

Agradeço à Professora Doutora Andreia Arezes por toda a orientação e ajuda prestada, e ao Dr. Filipe Santos por toda a documentação cedida referente à intervenção do Laranjal e Cemitério de Mouros. Ao Dr. Néilson Campos Rebanda e ao Doutor Thierry Aubry por toda a atenção e cuidado com que me acolheram na fase de estudo do acervo material.

#### BIBLIOGRAFIA

- ADÁN ÁLVAREZ, G., (2003), Las transformaciones del material osseo en el “Castiello de Cellagú” (Latores, Oviedo): La arqueofauna y el utillaje óseo desde el siglo V a.C. al II d.C. en Asturias (España), *Zephyrus*, Universidad de Salamanca. Salamanca, pp. 85-115.
- ALARCÃO, J.; ETIENNE, R.; ALARCÃO, A. e PONTE, S. da (1979), *Trouvailles Diverses Conclusions Générales (Fouilles de Conimbriga, VII)*, Paris.
- ALBA, M.; FEIJOO, S. (2001), *Cerâmica emiral de Mérida*, GARB – Sítios Islâmicos do Sul Peninsular, Instituto Português do Património Arquitectónico, Lisboa, pp. 329-376.
- ALBUQUERQUE, E.; BÁEZ GARZÓN, B.; ROSSELLÓ, M.; SANTOS, C. (2014), *Estudo etno-arqueológico de Cilhades. Relatório final do sítio arqueológico do Laranjal –EP148, volume II, Estudo do Material Arqueológico*, Empreitada Geral de Construção do Aproveitamento Hidroelétrico do Baixo Sabor.
- ALMEIDA, C. A. B. de (2003), As ocupações romano-visigóticas da bacia inferior do rio Neiva, in JORGE, V. O. (Dir. de), *Arquitectando espaços: da natureza à metapolis*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 113-130.
- AREZES, A. (2015), Formas cerâmicas e o seu significado simbólico na Alta Idade Média, *Actas do X Congresso Internacional - A cerâmica Medieval no Mediterrâneo*, Silves e Mértola: Câmara Municipal de Silves e Campo Arqueológico de Mértola, pp. 236-241.
- AREZES, A. (2017), *O mundo funerário na Antiguidade Tardia em Portugal: as necrópoles dos séculos V a VIII*. Coleção “Teses Universitárias”, n.º 9 Prémio Citcem / Afrontamento, Porto.
- AZKARATE GARAIOLAUN, A. (2002), De la Tardoantigüedad al medievo cristiano. Una mirada a los estudios arqueológicos sobre el mundo funerário, in VAQUERIZO, D. (Coord. de), *Espacios y usos funerarios en El Occidente Romano*, Actas del Congreso Internacional celebrado en la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Córdoba (5 9 junio, 2001), Córdoba: Universidad de Córdoba, pp. 115 140.
- BRANCO, Isa (2024), *A Necrópole Altimedieval do Laranjal (Cilhades, Torre de Moncorvo). Um estudo das práticas funerárias e dos materiais*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Dissertação de mestrado.

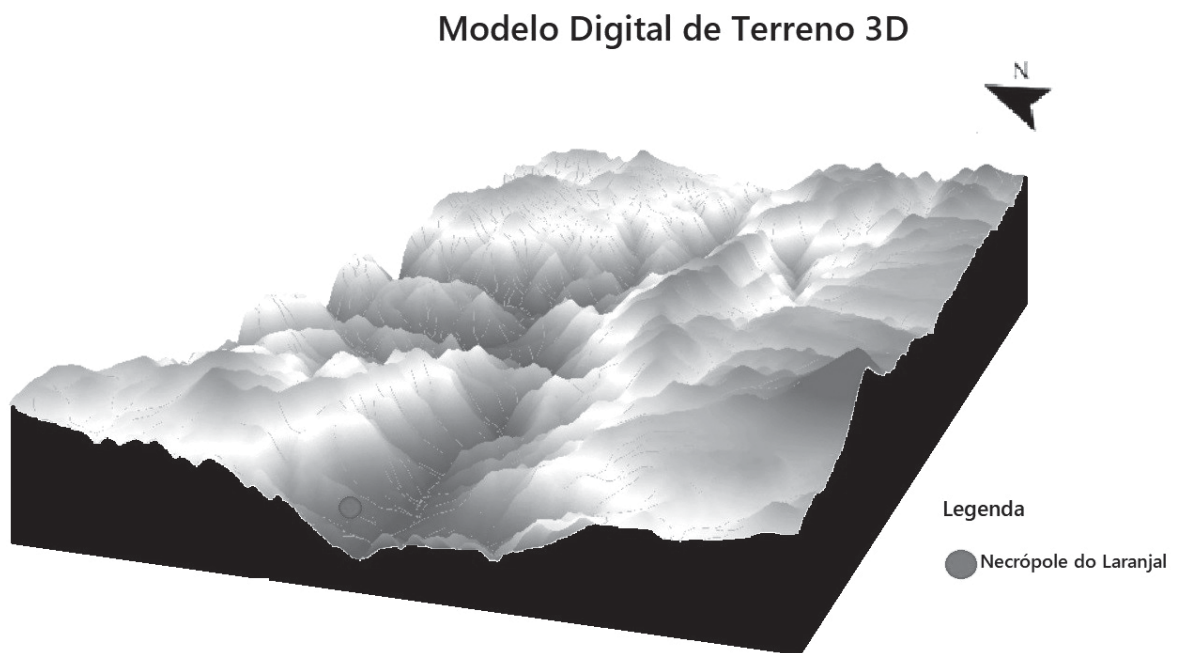
- CARDOSO, J. L. (2000), A cerâmica como indicador de cronologia e cultura nos sítios arqueológicos portugueses. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 3(1), pp. 45-58.
- CATARINO, H.; SANTOS, C.; GÓMEZ S.; GONÇALVES M.; INÁCIO I.; LOPES G.; BUGALHÃO J.; CAVACO S.; COVANEIRO J.; FERNANDES I.; GOMES A. (2020), Cerâmicas islâmicas no Garb setentrional “português”: algumas evidências e incógnitas, *Arqueologia em Portugal 2020*, 15(1), Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM, pp. 97-116.
- COLOMINAS, L.; SCHLUMBAUM, A.; SAÑA, M. (2013), The impact of the Roman Empire on animal husbandry practices: study of the changes in cattle morphology in the north-east of the Iberian Peninsula through osteometric and ancient DNA analyses. *Archaeological and Anthropological Sciences*, 6(1), Springer, pp. 1–16.
- CURWEN, E. C. e HATT, G. (1961), *The origin of agriculture in Plough and Pasture. The Early History of Farming*, New York, Callier Books.
- CUSTÓDIO, J. (2002), *As Minas de Ferro de Moncorvo: uma fonte arqueológica inesgotável*, Museu do Ferro & da Região de Moncorvo, Centro de Interpretação e Estudos, Torre de Moncorvo, pp. 64-95
- DAVIS, S. (2008), Zooarchaeological evidence for Moslem and Christian improvements of sheep and cattle in Portugal, *Journal of Archaeological Science*, 35(4), pp. 991-1010.
- DORDIO, P. (2015), O Plano de Salvaguarda do Património do Aproveitamento Hidroelétrico do Baixo Sabor (PSP do AHBS). 2010–2015. Com o Baixo Sabor ameaçado de submersão, a oportunidade de elaborar uma narrativa histórica, *Côavisão: Economia, Ciência e Cultura*, (17), pp. 132–169.
- FERNANDES, I. C. (2004), *O Castelo de Palmela: do Islâmico ao Cristão*, Palmela, Colibri.
- FIGUEIREDO, S.; NEVES, D. (2015), Quinhentas placas gravadas da Idade do Ferro do sítio fortificado do Castelinho (Nordeste Portugal): temas figurados e padrões de distribuição, *ARKEOS* 37, pp. 1589-1605.
- FIGUEIREDO, S.; SANTOS, G. (2014), *Estudo Etno-arqueológico de Cilhades, Relatório final do Sítio arqueológico do Cemitério dos Mouros – EP.148, volume III: Estudos: arte rupestre, zooarqueologia e arqueobotânica*, Empreitada Geral de Construção do Aproveitamento Hidroelétrico do Baixo Sabor.
- FONSECA, J.; RORIZ, A.; LUZ, S. (2013), *Estudo etno-arqueológico de Cilhades. Relatório final do sítio arqueológico do Laranjal – Ep.148, volume I, 2ª fase*. Empreitada Geral de Construção do Aproveitamento Hidroelétrico do Baixo Sabor.
- GRAU, R.; ROLDÁN, A. (2007), Fornos e produção cerâmica na Antiguidade: aspectos ambientais e sociais, in *Actas del Congreso Internacional de Arqueología de la Antigüedad*, Madrid, pp. 123-135.
- GUTIÉRREZ LLORET, S. (1990-91), Panes, hogazas y fogones portátiles. Dos formas cerámicas destinadas a la cocción del pane en al-Andalus: el hornillo (tannûr) y el platô (tabaq)”. *Lvcentvm*, IX-X. Alicante, pp. 161-175.
- LUÍS, L. (2009), “Per petras et per signos”: A arte rupestre do Vale do Côa enquanto construtora do espaço na Proto-história, in SANABRIA MARCOS, P. J., *Lusitanos y vettones: Los pueblos prerromanos en la actual demarcación Beira Baixa - Alto Alentejo*, Cáceres: Junta de Extremadura/ Museo de Cáceres, pp. 213-240.
- NAZARÉ, M. (2013), *Cerâmicas Medievais de Santa Olaia (Figueira da Foz), depositadas no museu municipal Dr. Santos Rocha*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- OLALDE, I.; GARCÍA-REDONDO, D.; CIVIT, M.; SCHLICHTING, C.; VELÁZQUEZ, D.; HAAK, S.; GONZÁLEZ-FERNÁNDEZ, B.; BERENQUER, M.; GONZÁLEZ-HERNÁNDEZ, M.; FERNÁNDEZ-MUÑOZ, J. (2020), The genomic history of the Iberian Peninsula over the past 8000 years. *Science*, 369(6503), Washington, D.C, pp. 991-995.

- ORTIGARA, C. (2009), Carne suína: à luz da ciência o que faz mal é o mito. *Revista Agrogeoambiental*, 1(1), UNESP, pp. 23-36.
- ORTNER, D. e PUTSCHAR, W. (1981), *Identification of Pathological Conditions in Human Skeletal Remains*, Smithsonian Contributions to Anthropology, Washington D.C.
- PRATA, S. (2012), *As Necrópoles alto-medievais da Serra de São Mamede (Concelhos de Castelo de Vide e Marvão)*, Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Dissertação de Mestrado.
- RODRIGUES, M. (1994), *Cerâmicas medievais da região de Moncorvo (Sécs. XII-XIII)*, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado.
- RODRIGUES, Z. (2013), *Estudo Etno-arqueológico de Cilhades - Relatório final do Sítio arqueológico do Cemitério dos Mouros – EP.148, volume IV, Relatório Final dos trabalhos antropológicos, 2ª fase*, Empreitada Geral de Construção do Aproveitamento Hidroelétrico do Baixo Sabor.
- ROSSELLÓ MESQUIDA, M.; SANTOS, C.; CARVALHO, L.; SANTOS, F. (2016), Contributo para o conhecimento das ocupações Tardo Antiga e Alto-Medieval do vale do Sabor: O caso de Cilhades (Felgar, Torre de Moncorvo), à luz do estudo da sua componente cerâmica. *Arqueologia Medieval*, 13, pp. 35-63.
- SANTOS, F.; LADRA, L. (2016), Cilhades e a Cabeça Antropomorfa do Castelinho. Um novo elemento da estatuária proto-histórica de Trás-os-Montes achado no vale do Baixo Sabor – *Al-Madan online*, 2 (21), Tomo1, Almada, Centro de Arqueologia de Almada, Edições CAA, pp. 52-70.
- SANTOS, F.; ROSSELLÓ, M.; SANTOS, C.; CARVALHO, L.; ROCHA, F. (2016), Aspetos da morte no vale do Sabor. O mobiliário funerário tardo antigo das inumações do laranjal de Cilhades (Felgar, Torre de Moncorvo). Achegas à cronologia de uma necrópole de longa duração, *Arqueologia Medieval*, 13, Campo Arqueológico de Mértola, Edições Afrontamento, pp. 17-45.
- SANTOS, F.; ROSSELLÓ, M.; SANTOS, C.; CARVALHO, L. (2016), Contributo para o conhecimento das ocupações Tardo-Antiga e Alto-Medieval do Vale do Sabor. O caso de Cilhades (Felgar, Torre de Moncorvo), à luz do estudo da sua componente cerâmica – *Arqueologia Medieval*, 13, Campo Arqueológico de Mértola, Edições Afrontamento, pp. 35-63.
- SANTOS, S.; TEIXEIRA, R.; FONSECA, J.; FALCÃO, T. (2014), *Estudo Etno-arqueológico de Cilhades-Relatório final do sítio arqueológico do Cemitério dos Mouros – EP.148, volume I, Resultados da intervenção arqueológica*, Empreitada Geral de Construção do Aproveitamento Hidroelétrico do Baixo Sabor.
- SILVA, R. (2014), A cerâmica dos níveis alto-medievais do fórum de Aeminium (MNMC, Coimbra), in DE MAN, A.; TENDE (Dir. de), *Estudos de Cerâmica Medieval. O Norte e Centro de Portugal - sécs. IX a XII*, Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, pp. 79-97.
- TEJERIZO GARCÍA, C. (2017), *Arqueología de las sociedades campesinas en la cuenca del Duero durante la primera Alta Edad Media*, Bilbao, Universidade do País Basco.
- TERESO, S.; BRITO, A.; UMBELINO, C.; COSTA, M.; ANDRÉ, C.; CARVALHO, P. (2013), O espaço funerário alto-medieval da Torre Velha (Castro de Avelãs, Bragança), in *Actas do II Congresso Internacional sobre Arqueologia de Transição: O Mundo Funerário*, Mértola: Associação de Arqueólogos Portugueses, pp. 258-272.
- TORRES, Cláudio; MACIAS, Santiago (1996), Rituais funerários paleocristãos e islâmicos nas necrópoles de Mértola, in MATTOSO, José (Dir. de), *O Reino dos Mortos na Idade Média Peninsular*, Lisboa, Edições João Sá da Costa, pp. 11-44.
- VAZ, F.; TERESO, J.; BRAGA, C.; FONTES, L. (2021), O Mobiliário Funerário de Madeira da Necrópole da Via XVII em Bracara Augusta: exemplo de um processo de preservação por mineralização, *Al-Madan online*, tomo 2, pp. 113-117.

- VIANA, Teixeira A. (1970), *Os Suínos - Criação Prática e Econômica*, Livraria Nobel, São Paulo.
- VIGILESCALERA GUIRADO, A. (2000), Cabañas de época visigoda: evidencias arqueológicas del sur de Madrid. Tipología, elementos de datación y discusión, *Archivo Español de Arqueología*, 73, Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 223-252.
- VIGIL-ESCALERA GUIRADO, A. (2013), El registro arqueológico del campesinado del interior peninsular en época altomedieval, in QUIRÓS CASTILLO J. A. (Dir. de), *El poblamiento rural de época visigoda en Hispania: Arqueología del campesinado en el interior peninsular*, Universidad del País Vasco, pp. 65-258.
- VIZCAÍNO SÁNCHEZ, J.; MADRID BALANZÁ, M. (2006), Ajuar simbólico de la necrópolis tardoantigua del sector oriental de Cartagena, *Espacio y tiempo en la percepción de la Antigüedad Tardía. Antigüedad Cristiana* (Murcia), 23, pp. 437-463.
- ZOZAYA STABEL-HANSEN, J.; LARRÉN IZQUIERDO, H.; GUTIÉRREZ GONZÁLEZ, J.; HERNÁNDEZ, F. M. (2012), *Asentamientos andalusíes en el Valle del Duero: el registro cerámico*. IX Congreso Internazionale sulla Ceramica Medievale nel Mediterraneo, Venezia, pp. 217-229.



**Fig. 1:** Implantação da necrópole do Laranjal, do Cemitério de Mouros e do “povoado fortificado” do Castelinho. Imagem obtida a partir do Google Earth. Permite aferir a relação entre os sítios e o rio Sabor.



**Fig. 2:** Modelo digital do terreno em 3D, com a localização da necrópole do Laranjal assinalada.



Fig. 3: Em cima, estrutura em negativo da II Idade do Ferro. Em baixo, forno romano de produção cerâmica (FONSECA et alii 2013: p. 31).

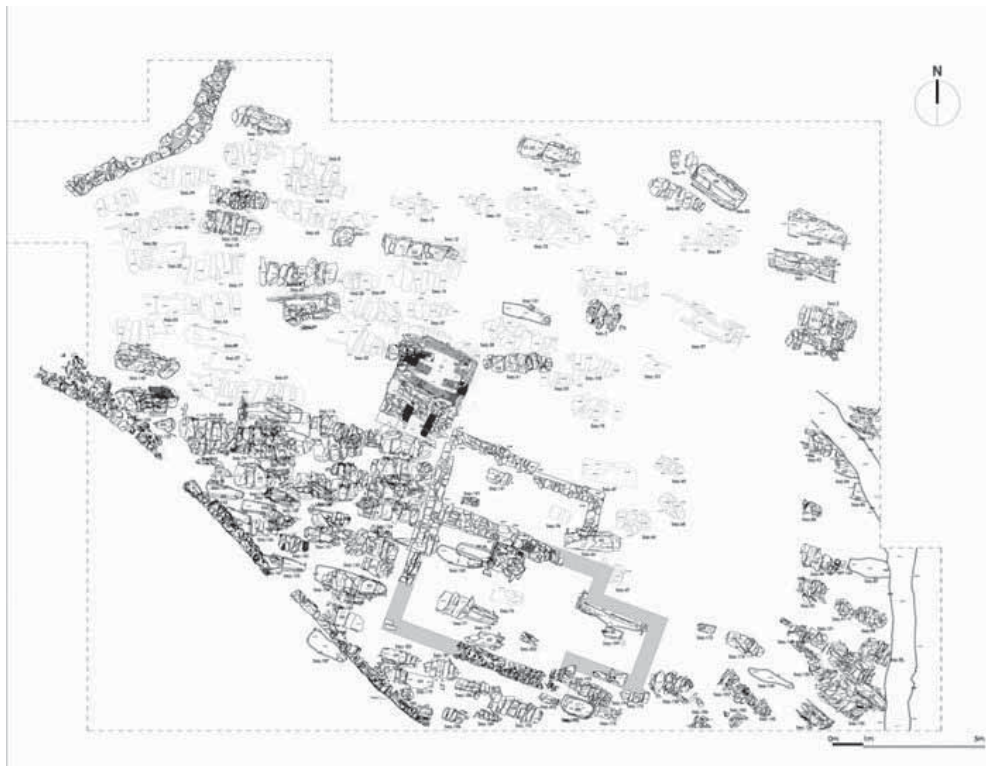


Fig. 4: Planta geral do Laranjal, onde é visível a estrutura do forno romano e do possível edifício religioso (SANTOS *et alii* 2016: p. 15)



Fig. 5: Vista da necrópole a partir de Oeste, durante os trabalhos arqueológicos (FONSECA *et alii* 2013: p. 8).



Fig. 6: Fragmento de um bordo esvasado e sem ressalto, com lábio sub triangular pertencente a forma fechada feita a torno.



Fig. 7: Fragmento de coador ou braseiro, com pasta de coloração acinzentada, fruto de cozedura redutora.



Fig. 8: Alguns dos padrões decorativos do acervo cerâmico do Laranjal.

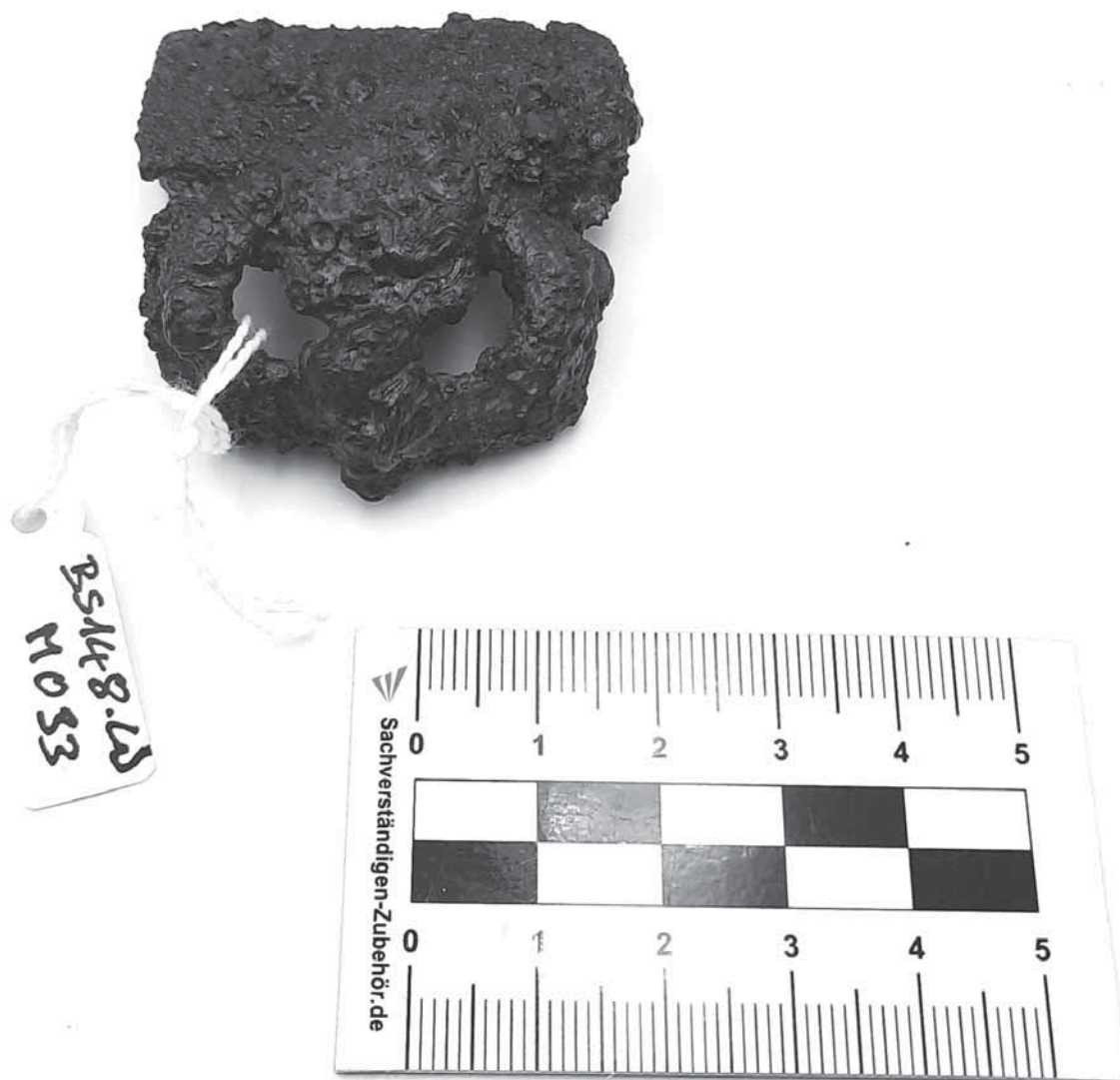


Fig. 9: Placa de cinturão com fivela articulada de ferro, com aro em "D", ainda na posse do fuzilhão.



Fig. 10: Fivela de bronze, apresentando aro oval, largo, conservando fuzilhão escutiforme. Ostenta decoração muito fina, concernente a pequenas linhas paralelas.



**Fig. 11:** Vista aérea de Cilhades antes da construção da barragem do Sabor:  
1- Castelinho; 2- Necrópole do Laranjal; 3- Cemitério dos Mouros (SANTOS *et alii* 2016: p. 15).



**Fig. 12:** Vários fragmentos de jarro fabricado a torno, de colo longo, lábio boleado, bordo não diferenciado, destacando-se do colo na sequência de um ressalto pouco pronunciado. O colo é vertical cilíndrico e canelado e a base é plana.